

O “Ser Filho de Imigrante” na Vida Social dos Jovens Imigrantes Brasileiros de Segunda Geração nos Estados Unidos.¹

Antônio Braga²

Resumo: O presente artigo aborda as temáticas do ser filho de imigrantes e ser um jovem imigrante brasileiro de segunda geração nos Estados Unidos. Transitando sobre as questões das identidades, vínculos e pertencimentos étnicos e sociais desses jovens o texto procura refletir sobre como o ser filho de imigrantes e ser imigrante de segunda geração impactam na vida social desses jovens dentro do contexto da sociedade norte-americana contemporânea. O artigo procura mostrar que ser um imigrante brasileiro de segunda geração tanto implica em estar vinculado à sua origem étnica parental, quanto ter uma forte ligação e sentimentos de pertencimento em relação à sociedade na qual eles vivem, os E.U.A.

Palavras-Chaves: Segunda Geração; Imigração; Juventude; Brasil-EUA.

Being “Children of Immigrants” in the Social Life of Young Brazilian Second-Generation Immigrants in the United States of America.

1 A primeira fase da pesquisa de onde se origina este artigo contou com o financiamento da FAPESP, SP, Brasil, por meio da linha de financiamento “Bolsas no Exterior – Pesquisa” e com o apoio do UF Center for Latin American Studies da Universidade da Florida (FL, EUA).

2 Departamento de Sociologia e Antropologia e Programa de pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Araraquara, Brasil - antonio.braga@unesp.br

Abstract: *This article deals with the themes of being children of immigrants and being a young Brazilian second-generation immigrant in the United States of America. Transiting on the issues of the identities, bonds and ethnic and social belongings, the paper seeks to reflect on how being children of immigrants and being a Brazilian second-generation immigrant impacts on the social life of these young people within the context of contemporary American society. The article seeks to show that being a second-generation Brazilian immigrant implies being linked to their parental ethnic origin and has a strong connection and feelings of belonging in relation to the society in which they live in, the USA.*

Keywords: *Second-Generation; Immigration; Youth; Brazil-U.S.A.*

Prólogo

O filme Aquaman, baseado no super-herói da DC Comics, foi lançado em dezembro de 2018. Rapidamente, tornou-se um *blockbuster* mundial. O personagem central do filme, como indica o título, é Arthur Curry/Aquaman. Curry é filho de Thomas Curry, um faroleiro, que nasceu e vive na terra, e da Rainha Atlanna, rainha de Atlântida, uma mulher do mar. Arthur Curry/Aquaman é, portanto, um filho da terra e um filho do mar. Curry pertence a esses dois mundos. O arco narrativo do filme se desdobra em torno dessa questão: A qual mundo Curry/Aquaman pertence? À terra ou ao mar? Qual é o seu lugar no mundo? Ele é o herdeiro direto do trono de Atlântida, mas é legítimo que ele seja o Rei de Atlântida sendo filho de um homem da terra?

A jornada do herói (Campbell, 1989) se desdobra em torno desses dilemas. Em um dado trecho do filme, a Rainha Mera, interesse amoroso de Curry e sua parceira na jornada do herói, faz o seguinte comentário a ele: “Você se acha indigno de liderar porque você é de dois mundos diferentes. Mas é exatamente por isso que você é digno”.

Em outro trecho, Curry está em um bar conversando com seu pai. E Thomas Curry fala ao filho: “Sua mãe sempre soube que você era especial!” Para Atlanna, o seu filho Arthur Curry é parte de algo maior, é a ponte entre dois mundos: terra e mar.

Sentir-se como pertencendo a dois mundos – “estar entre”, “*in-between*” – é algo experimentado por muitos jovens nos dias atuais. Os grandes fluxos migratórios internacionais, as diásporas, os refugiados que fugiram de seu país de origem pelos mais diferentes motivos, isto tudo em conjunto forma, há algumas décadas, um dos grandes fenômenos do mundo contemporâneo. E como

parte desse fenômeno nasce outro, não menos importante: a segunda geração de imigrantes, que são os filhos e filhas daqueles que migraram para um país diferente do seu. Filhos esses que ou nasceram nesse país de acolhimento ou para lá foram ainda muito pequenos (Portes; Rumbaut 2014).

Este artigo é baseado em uma pesquisa que busca compreender, com base nos recursos das Ciências Sociais, a experiência de jovens de segunda geração que, como Curry, têm como parte daquilo que eles são o pertencimento a dois mundos. E que – dado esse duplo pertencimento – fazem escolhas e vivenciam suas vidas e trajetórias de vida com base na condição própria de se sentirem parte de dois mundos.

Esse universo das segundas gerações de imigrantes no mundo contemporâneo é, claramente, muito grande, complexo, diverso, diferente entre si. Não há aqui, portanto, a intenção de abordar a segunda geração em um sentido geral. Na realidade, a pesquisa que sustenta este artigo tem um foco específico: a segunda geração de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos. É esta a segunda geração tratada neste artigo, sendo seu foco. E, dado este objetivo, no tópico a seguir será feito um enquadramento da segunda geração de imigrantes brasileiros nos EUA. Enquadramento este que será seguido das questões específicas que o artigo busca analisar.

1. Migração brasileira nos EUA e segunda geração:

Um bom entendimento da realidade da segunda geração de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos exige, num primeiro momento, uma contextualização da imigração brasileira nos EUA. Assim, para essa contextualização devem ser consideradas duas perspectivas: uma é a perspectiva da emigração (que diz respeito ao movimento de os migrantes brasileiros saírem do Brasil e irem “tentar a vida” em um outro país). A outra é a perspectiva da imigração (que diz respeito à realidade de ser imigrantes brasileiros em um outro país).

1.1. A emigração brasileira

O Brasil é um país que entre a última década do século XIX e primeira metade do século XX se caracterizou por um forte movimento migratório internacional. Isso permitiu ao Brasil ser visto como um país para onde se imigrava, e não um país de onde se emigrava. Na década de 1980, contudo, tornou-se perceptível um forte movimento de brasileiros a emigrar para outros países, de tal forma que o fenômeno contemporâneo da imigração internacional passou a fazer parte da realidade brasileira (Margolis, 2013). Então, o Brasil também

passou a ser visto como um país de emigração, sendo necessário, contudo – como observa Ana Cristina Martes (2011) –, considerar que esse contingente não desprezível de brasileiros emigrando para outros países não tornou o Brasil um país de emigrantes. Afinal, se por um lado ocorreu uma inflexão na tradição de o Brasil ser um “país de imigrantes”, o número de brasileiros morando no exterior sempre girou em torno de 1% e não mais que 2% da população³. Mas isto não elimina o fato de que ser imigrante brasileiro em um outro país passou a ser a realidade de milhares de pessoas. Está se falando, portanto, de um número não desprezível de imigrantes brasileiros.

O que teria dado início a esse alto contingente de brasileiros vivendo como imigrantes em outros países? Bem, os motivos e suas explicações são de várias ordens. Na literatura sobre o tema, e que trata do caso dos Estados Unidos, algumas explicações se destacam: atribui-se à crise econômica e à hiperinflação que assolou o Brasil nas décadas de 80 e 90 como uma das motivações para o início do fenômeno (Margolis, 1994), sendo que isto teria ido de encontro às mudanças ocorridas no mercado de trabalho e nas demandas por certo perfil de mão de obra nos EUA (Sales, 1999). Tudo isso interconectado dentro de um contexto de globalização capitalista promotor de uma maior interdependência entre países, somado a uma maior integração e facilidades de deslocamento entre o país de acolhimento e o de origem (Martes, 1999); dentro deste mesmo movimento, teriam se desenvolvido laços familiares e afetivos entre os brasileiros de “lá e aqui” (Assis, 2002) e se desenvolvido redes sociais transnacionais formadas por imigrantes brasileiros (Fazito, 2010). Há, em suma, um conjunto amplo de fatores que fizeram e ainda mantêm a imigração brasileira para os EUA algo significativo.

1.2. A “nova imigração” e a “nova segunda geração”:

Para se compreender a realidade da imigração brasileira nos Estados Unidos, um primeiro movimento é o de posicioná-la dentro daquilo que a literatura denomina de “a nova imigração” (Suárez-Orozco; Suárez-Orozco; Qin-Hillard, 2001). Este termo, amplamente utilizado pela literatura, tem como uma de suas funções diferenciar a “nova imigração” – que teve início entre as décadas de

3 O Ministério das Relações Exteriores brasileiro (MRE), por exemplo, calculava que em 2014 haviam 3.105.922 brasileiros residindo no exterior. Desse total, 1.315.000 residiam nos Estados Unidos (Disponível em: <<http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/a-comunidade/estimativas-populacionais-das-comunidades/estimativas-populacionais-brasileiras-mundo-2014/Estimativas-RCN2014.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2019).

60 e 70 e que se estende até hoje – da grande onda imigratória que se estendeu de 1880 até a década de 1930, e que se caracterizou pela chegada de um grande contingente de europeus nos Estados Unidos. E esses são, de fato, dois grandes momentos da imigração internacional nos Estados Unidos e que apresentam características e perfis de imigrantes muito distintos.

Uma das diferenças fundamentais entre esses dois fluxos imigratórios é o de que, enquanto o de 1880-1930 caracterizou-se por uma forte presença de imigrantes europeus, a “nova imigração” é composta em sua maioria por imigrantes vindos da América Latina, Ásia e Caribe. Outra diferença é que enquanto os europeus brancos da primeira onda – e notadamente seus descendentes – foram, em determinado ponto, vistos como “bem assimilados” e tendo desempenhado um papel importante no *melting pot cultural* norte-americano (Alba; Nee, 1997), os imigrantes da “nova imigração” e seus descendentes vêm encontrando uma realidade muito mais adversa. A perspectiva de uma sociedade forjada com base na assimilação e fusão de diferentes culturas e raças deu lugar a uma perspectiva de uma sociedade cada vez mais multiétnica, heterogênea. Sendo que isto, conforme a perspectiva, é visto – e experimentado – “ou para o bem, ou para o mal”. Isto é, ou como expressão de uma sociedade que vai se tornando cada vez mais multiétnica, diversa e tolerante, ou como uma sociedade que corre o risco de perder sua identidade, suas raízes (e que deve se proteger desse risco, deve reagir). Assim, é dentro desta segunda perspectiva que nasce a xenofobia e a visão do imigrante como um problema a ser evitado.

A “nova imigração”, portanto, incorpora novos elementos, novas composições e novas tensões na realidade étnico-racial que atravessa a sociedade norte-americana, sendo essa uma variável importante da realidade vivenciada pelos “novos imigrantes” e seus descendentes.

Outra diferença entre as duas ondas imigratórias – a de 1880-1930 e a atual – é em relação ao mercado de trabalho e a incorporação dos imigrantes e seus descendentes. Os imigrantes de 1880-1930, por exemplo, imigraram para uma América do Norte em franco processo de industrialização. Já os “novos imigrantes” se inserem em contexto de mercado de trabalho pós-industrial, caracterizado por um fosso muito grande entre ocupações que exigem alta qualificação e conhecimento (e que são bem remuneradas) e ocupações que exigem pouco ou mesmo nenhuma qualificação (e que são mal remuneradas).

Outra questão é em relação ao *status* legal de imigrantes. Isto porque no contexto atual dos Estados Unidos os “novos imigrantes” se deparam com uma questão que lhes diz respeito de forma muito direta: um alto contingente de imigrantes vive nos EUA sem autorização legal do Governo Norte-Americano. E isto

tem algumas consequências. Uma é que essa presença de imigrantes tratados como “ilegais” produz várias zonas de desconforto, risco e constrangimentos para eles e para os imigrantes em geral. Outra é que eles enfrentam uma diferenciação importante entre eles, com profundas e impactantes consequências sobre os seus lugares nos Estados Unidos: eles estão divididos entre imigrantes autorizados e não-autorizados pelo governo a estarem nos EUA. E isto faz com que exista nessa sociedade dois tipos de imigrantes, com *status* distintos: os migrantes com documentos e os sem documentos, os legais e os ilegais (Portes; Rumbaut, 2014), sendo que não raro o imigrante documentado e não-documentado pode pertencer à mesma família. Ser, por exemplo, pai e filho, irmão e irmão.

Os imigrantes não autorizados – que são em grande número – tendem a enfrentar vários tipos de adversidades. Eles, por exemplo, tendem com maior frequência a ocuparem postos de trabalho que exigem baixa qualificação e que oferecem baixas remunerações, ou têm as melhores oportunidades restritas aos seus enclaves e vizinhanças étnicas. Ser posicionado como um “imigrante ilegal” é, portanto, ver-se classificado dentro de um termo que costuma sintetizar todo o peso de ser um imigrante visto como “não bem-vindo”. É, não raro, encontrar-se à mercê das políticas governamentais pró e contra imigrantes, é vivenciar o risco de deportação, é enfrentar a ausência de várias garantias e direitos comuns aos outros.

Os imigrantes autorizados – seja temporariamente ou definitivamente – tendem, obviamente, a terem melhor sorte. Têm, por exemplo, maiores possibilidades de realizarem tarefas e funções condizentes com sua qualificação e profissão. Mas também eles podem encontrar obstáculos a serem ultrapassados dada a sua condição de imigrante. É o caso de quanto eles têm de lutar por oportunidades em situações em que estão competindo com cidadãos norte-americanos nativos. Em situações como essa – em uma sociedade altamente competitiva como a norte-americana – ele possivelmente terá de provar, sem tréguas, que realmente tem uma melhor *performance* e qualificação.

Segundo Portes e Rumbaut (2001, 2014), todas essas realidades e contextos distintos enfrentados pelos imigrantes da onda imigratória de 1880-1930 e pelos “novos imigrantes” vão resultar em consequências distintas para aquilo que será vivenciado pela segunda geração de cada uma dessas ondas. A segunda geração de imigrantes europeus, por exemplo, enfrentou suas adversidades, mas realizaram suas trajetórias de vida nos EUA em um contexto de maiores e melhores oportunidades. Tanto que sua história na sociedade norte-americana é vista como um processo de assimilação cultural bem-sucedido, o que pode ser constatado na ideia de que os EUA é um *melting pot* de assimilação cultural formado por diferentes contribuições de diferentes culturas que se integraram.

Outro aspecto salientado pelos estudos desses autores é o acesso e uso da educação formal. Segundo eles, a segunda geração de imigrantes europeus terminou por encontrar melhores oportunidades em um mercado de trabalho que – ainda que muito estratificado e piramidal (com os melhores postos nos estratos mais altos da pirâmide) – era capaz de gerar algum nível de ganho real e de produzir algum tipo de mobilidade social e econômica para esses filhos de imigrantes.

A realidade enfrentada pela “nova segunda geração” vem sendo muito diferente. Se a trajetória de assimilação da segunda geração de imigrantes europeus foi mais uniforme – com maior nível de previsibilidade em termos de trajetória social – a trajetória que vem sendo experimentada pela “nova segunda geração” vem se dando de forma bem menos homogênea e bem menos previsível. Característica essa que faz com que Portes e Rumbaut proponham que o processo de assimilação da “nova segunda geração” seja pensado como um processo de “assimilação segmentada” (Portes; Rumbaut, 2001; Rumbaut; Portes, 2001; Portes; Haller; Fernandez-Kelly, 2008).

Com base em uma pesquisa de folego intitulada *The Children of Immigrants Longitudinal Study*, os autores desenvolvem e aplicam sua teoria e modelo analítico de assimilação segmenta (Portes; Rumbaut; 2001; Rumbaut; Portes, 2001). Ali eles demonstram que a trajetória de assimilação dos filhos dos “novos imigrantes” nos Estados Unidos ocorre de forma segmentada, por meio de percursos distintos. Vão mostrar, por exemplo, que os filhos de imigrantes de determinados grupos étnicos tendem a realizar trajetórias de tipo ascendente, enquanto que a trajetória de outros grupos étnicos tende a ser descendente. E apontam o fato de que essas trajetórias segmentadas não ocorrem por acaso.

As causas dessas trajetórias segmentadas vão estar nas barreiras da adaptação e da integração (assimilação) encontradas pelos jovens de segunda geração nos Estados Unidos atual, e nos recursos sociais, econômicos e culturais que as suas famílias possuem e são capazes de lhes oferecer e por meio dos quais eles vão poder confrontar – e superar ou não – essas barreiras que lhes são impostas. O sucesso ou insucesso na assimilação e integração vai depender, portanto, dos obstáculos encontrados e dos recursos disponíveis para enfrentá-los. Logo, os recursos de suas famílias – ou a falta deles – (o capital humano), a forma como são recebidos nos EUA, a composição de sua família (se é, por exemplo, uma família estável ou fragmentada), todas essas são variáveis que vão se compondo e recompondo e que vão ter influência na realização de uma trajetória ascendente ou descendente.

O fato, por exemplo, de o jovem pertencer a uma família que tem maior capital humano – e, portanto, mais possibilidades de oferecer educação formal e habilidades ocupacionais – termina por favorecer à realização de uma trajetória

ascendente e, subsequentemente, torná-lo mais competitivo no mercado de trabalho. Já o fato de os imigrantes estarem inseridos em contextos em que as autoridades governamentais não são acolhedoras, isso é uma desvantagem. Se a recepção por parte da população nativa é hostil, neutra, acolhedora, isto também vai influenciar. Se o jovem está inserido dentro de uma comunidade co-étnica bem estabelecida e próspera, isto também é outra vantagem. Mas se ele está isolado ou se sua comunidade étnica é fraca ou dispersa, isto também pode ser uma desvantagem. Já se ele tem acesso a redes sociais da sua comunidade co-étnica próspera e bem estabelecida, isto também conta a favor.

Em suma, a “nova segunda geração” tem um conjunto de questões e realidades que lhes são próprias: os obstáculos que eles enfrentam devido a suas condições étnicas e por serem filhos de imigrantes; as oportunidades ou obstáculos que eles enfrentam em decorrência de sua origem; os recursos e oportunidades que suas famílias e comunidades étnicas são ou não capazes de oferecer-lhes; a forma como o entorno – social, econômico, político e governamental – os recebe; a forma como os nativos de seus entornos os recebe. Todas essas são variáveis que irão se compor e recompor e que influenciarão em suas trajetórias sociais e de vida nos EUA. Logo, para compreender a “nova segunda geração” é preciso não perder isto de vista.

1.3. A imigração brasileira nos Estados Unidos

Dentro deste contexto da “nova imigração” nos Estados Unidos, um dos primeiros fatores a se considerar sobre os imigrantes brasileiros nesse país é o tamanho dessa comunidade. Olhando em termos de possíveis números absolutos não é uma quantidade desprezível. Segundo o Ministério das Relações Exteriores do Brasil (MRE-BR), são 1.315.000 brasileiros vivendo nos EUA. Em comparação à população brasileira, contudo, esse número não alcança 2% dela. Já em relação à população dos Estados Unidos (327.167.434 hab.)⁴, o *Census Bureau* (EUA) calcula o número de imigrantes vivendo no país como em algo em torno de 43.700.000 de habitantes⁵, sendo que o número de brasileiros seria na ordem de 409.595 habitantes⁶.

Números como esses oferecem um bom quadro das dimensões da imigração brasileira nos EUA. Revelam, por exemplo, que há uma grande quantidade

4 Disponível em: <<https://www.census.gov/quickfacts/fact/table/US/PST045218>>. Acesso em: 16 set. 2019.

5 Estimativa do Census Bureau (USA) em de julho de 2016. Disponível em: <<https://cis.org/Report/US-Immigrant-Population-Hit-Record-437-Million-2016>>. Acesso em: 16 set. 2019.

6 Há, portanto, uma significativa divergência entre os números do MRE-BR e os do Census Bureau. Essas divergências vêm sendo há tempos explorada pela literatura, que apresenta algumas explicações plausíveis para essa disparidade.

de brasileiros vivendo nos EUA. Mas também revelam que, em termos comparativos, os brasileiros não são uma das maiores comunidades. Esse fator ajuda a compreender o porque de uma certa invisibilidade (Margolis, 1994) da comunidade étnica brasileira dentro da totalidade da população dos Estados Unidos. Os imigrantes mexicanos, por exemplo, seriam 11.573.680 habitantes em 2016, configurando a maior comunidade de imigrantes nos EUA.⁷ Já os brasileiros não estão nem mesmo entre as quinze maiores comunidades étnicas de imigrantes existentes nos EUA.

A isso se agrega outras variáveis, como o fato de os brasileiros serem latinos e lusófilos, enquanto a grande maioria dos latinos nos EUA são hispanofalantes. Esta é uma variável importante porque se por um lado – num país em que a origem étnica é muito relevante (os EUA) – os brasileiros são invariavelmente vistos com latinos, por outro lado o fato de sua língua materna ser o português – e a dos outros latinos ser o espanhol – implica uma série de desdobramentos, sendo o mais significativo as diferenças culturais que se explicitam e produzem um certo distanciamento em termos de identificação entre a comunidade brasileira e as outras comunidades latinas em geral (que são comunidades hispânicas). O resultado disso é que no quadro geral dos “novos imigrantes” vivendo nos EUA os brasileiros são visíveis como latinos e invisíveis como brasileiros.

É preciso frisar que esta invisibilidade ocorre dentro do quadro geral da totalidade de imigrantes vivendo nos EUA e em diferentes contextos e lugares em que a presença de imigrantes brasileiros é bem reduzida ou mesmo quase inexistente. Mas há, contudo, contextos e lugares específicos em que há uma alta concentração de imigrantes brasileiros, formando comunidades com significativa visibilidade e relevância local. Esses são os casos, por exemplo, da região metropolitana de Boston, em Massachusetts (Fleischer, 2002; Martes, 1999; Sales, 1999), do Queens, em Nova York (Margolis, 1994), e do condado de Broward, na Florida (Resende, 2009).

Esta questão da visibilidade ajuda a iluminar um aspecto importante da experiência de ser imigrante – e, mais ainda, ser filho de imigrante – brasileiro nos Estados Unidos. É o fato de que a experiência de ser imigrante num contexto etnicamente isolado é muito distinto de ser um imigrante dentro de um contexto em que há uma forte presença de outros imigrantes da sua própria origem étnica (Trieu, 1996). Os imigrantes brasileiros da cidade de Framingham (MA), do distrito do Queens, na cidade de Nova York (NY), e do condado de Broward, na Florida (FL), por exemplo, encontram ao seu redor não só outros brasileiros,

mas também podem se inserir e mobilizar mais facilmente redes sociais étnicas brasileiras, ter acesso a um comércio com produtos e serviços brasileiros (com proprietários compatrióticos e onde se fala português), fazer parte de igrejas étnicas brasileiras (paróquias católicas e Igrejas evangélicas), ter vizinhos brasileiros, seus filhos terem colegas e amigos brasileiros na escola, poder realizar e participar de eventos de celebração étnica (como festas juninas e Sete de Setembro, por exemplo). Em suma, ser circundado por uma comunidade de imigrantes brasileiros implica ter uma experiência de imigração muito distinta daqueles imigrantes que estão em contextos mais isolados, ou em número mais restrito. E mesmo o tempo de existência da comunidade nos EUA, o quanto ela está consolidada, seu tamanho, os tipos e qualidades das redes sociais locais e transnacionais (com o Brasil) ali existentes, essas são variáveis que também fazem diferença.

A questão da existência de comunidades grandes e mais consolidadas tende a ter correlação com o quando começaram a chegar ali imigrantes brasileiros e como isso foi se dando com base no estabelecimento de redes sociais transnacionais – ligando o “aqui e lá” (Assis, 2002) – que no contexto da sociedade de acolhimento foi se transformando em redes solidárias estáveis de ajuda e compensação para encontrar emprego, residência e outros tipos de suportes necessários para garantir um empreendimento migratório bem sucedido.

O Caso de Framingham (MA) é o mais exemplar. Isto porque este é um dos locais que está diretamente ligado às chegadas dos imigrantes brasileiros nos anos 80 (ou seja, é uma das mais antigas comunidades). Além disso, está ligado a uma das páginas mais importantes da imigração brasileira nos EUA, que é o papel desempenhado pela cidade mineira de Governador Valadares e região (Assis, 2002; Machado, 2014). A conexão Governador Valadares e Massachusetts e Nova York está ligada à primeira onda de imigrantes brasileiros nos EUA ainda na década de oitenta/noventa.

Desde então foram muitas ondas e diferentes perfis de imigrantes (Margolis, 2013). Algumas ondas, por exemplo, eram compostas por brasileiros de classe média. Outras por brasileiros das classes populares. Uma pequena parcela ingressando pela política de *brain drain* do mercado de trabalho de alta qualificação norte-americano (Portes; Rumbaut, 2014). Pode-se considerar até mesmo uma onda de brasileiros de classe média, classe média alta, que migrou para o condado de Miami-Dade (FL) em torno da primeira década do século XXI. E há o caso daqueles imigrantes que chegaram numa onda posterior e já encontraram seus compatrióticos estabelecidos e se percebendo diferentes daqueles que estavam chegando. Assim como foram surgindo redes de imigrantes de

diferentes lugares (Goiás, São Paulo...), foram surgindo novos focos de concentração de brasileiros (Atlanta (GA), Los Angeles/São Francisco (CA), Dunbury (CT)). Vieram imigrantes com alta ou baixa qualificação profissional. Com mais ou com menos capital econômico, social e cultural. Com ou sem uma rede de suporte mais – ou menos – consolidada. Em suma, o universo migratório brasileiro nos EUA, quando visto de perto (de dentro), revela que ele foi, e vem se tornando, internamente muito diferenciado, diversificado, complexo. E estudá-lo envolve não perder de vista esta realidade, inclusive – e obrigatoriamente – quando se investiga o objeto de estudo da pesquisa que sustenta este artigo: os jovens imigrantes brasileiros de segunda geração.

Considera-se aqui que todo este arrazoado realizado nesta primeira parte é necessário para uma melhor compreensão do que será abordado na segunda parte do artigo, que trata do seu tema central – os filhos de imigrantes brasileiros e a segunda geração imigrantes brasileiros – e que busca oferecer respostas para as seguintes perguntas:

(1) como a condição de ser filho de imigrantes se faz presente na vida social desses jovens dentro dos contextos específicos da sociedade norte-americana nos quais eles estão inseridos?

(2) como a condição de ser filho de imigrantes de primeira geração impacta na identidade, vínculos e pertencimentos étnicos e sociais de jovens imigrantes brasileiros de segunda geração nos EUA?

2. O ser jovem imigrante brasileiro de segunda geração

2.1 O que é ser segunda geração?

Quando se pergunta o que é ser segunda geração de imigrantes há uma resposta que, ademais da sua obviedade, é muito importante: segunda geração de imigrantes são aqueles que não são imigrantes de primeira geração.

Esta resposta se sustenta em três pontos: (1) identificar alguém como imigrante de segunda geração implica reconhecer que, dentro da sociedade a qual ele pertence, o fato de seus pais serem imigrantes é algo que vai influir na sua identidade; (2) primeira e segunda geração são realidades inseparáveis (a existência da segunda está relacionada à existência da primeira: o imigrante de segunda geração é o filho do imigrante de primeira geração); (3) ainda que sejam realidades inseparáveis e interligadas de forma comunicante, a condição e a experiência de ser um imigrante de primeira e de segunda geração são significativamente diferentes.

No que tange ao fato de ser um imigrante de primeira geração, os estudos do sociólogo franco-argelino Abdelmalek Sayad iluminam muitos aspectos desta

realidade. Um primeiro aspecto, recorrente nos estudos de Sayad, é a preocupação em não perder de vista que a emigração antecede a imigração e que não é possível separar a emigração da imigração. Ou seja, todo imigrante é um emigrante. Outro aspecto importante, que também não pode ser obliterado, é que a imigração produz uma situação que parece condená-la (e, portanto, também condenar o imigrante) a uma dupla contradição (um paradoxo): “não se sabe mais se se trata de um estado provisório que se gosta de prolongar indefinidamente ou, ao contrário, se se trata de um estado mais duradouro mas que se gosta de viver com um intenso sentimento de provisoriedade. Oscilando, segundo as circunstâncias, entre o estado provisório que a define de direito e a situação duradoura que a caracteriza de fato (...)” (1998: 45).

Sendo particularmente pertinente à primeira geração de imigrantes, estes dois aspectos levantados por Sayad possivelmente alcançam uma grande parte daqueles que vivem como imigrantes em um país que não é o seu país de origem. Mas estes dois aspectos, contudo, não se adequam perfeitamente ao caso das segundas gerações de imigrantes. A começar pelo fato de que um imigrante de segunda geração não é – ou não se sente – como um emigrante.

Para o imigrante de segunda geração, o país que para os seus pais é um país de acolhimento – o país para onde eles imigraram – é para ele o país onde ele nasceu ou onde ele vive desde tenra idade. Sua relação com esse país não é, portanto, algo que ele sente como provisória. É uma relação que *a priori* ele sente como duradoura, ou potencialmente duradoura. Mais ainda, é o país que ele sente como seu. É uma sociedade a qual ele sente pertencer. Sendo que este sentimento de pertencimento carrega com ele uma questão fundamental, que é a questão da origem: ele é filho de imigrantes. E ser um imigrante de segunda geração é não poder olvidar, obliterar ou subtrair por completo daquilo que ele é, um dos elementos identitários que o define dentro desta sua sociedade: a condição de ser filho de imigrante.

A condição de ser filho de imigrante – e, subsequentemente, ser segunda geração – não é algo que diz respeito ao imigrante de segunda geração somente em relação à sua própria subjetividade, sentimentos, autopercepções. Como apontam Beatriz Padilla e Alejandra Ortiz (2014), a condição de ser segunda geração é um *status adscrito* de ser “filho de”. Ser definido, tratado, colocado ou se colocar como segunda geração é algo que é socialmente inscrito (acrescentado, registrado) nele, sobre ele: ser um filho de imigrante, ser de origem imigrante.

Este *status adscrito* (“ser filho de”) não define sozinho o que se entende aqui como um imigrante de segunda geração. Como mostram alguns estudos, existem filhos de imigrantes que migraram com seus pais para os EUA e que se sentem estrangeiros neste país e se percebem exclusivamente como brasileiros (e,

portanto, como imigrantes), sendo que isto tende a ser mais comum entre filhos de imigrantes que migraram para os EUA após a adolescência (Sales; Loureiro, 2004; Assis; Meriz; Iha, 2006).

Carola e Marcelo Suárez-Orozco, em seu livro *Children of Immigration* (2001), propõem uma diferenciação entre *immigrant children* (crianças imigrantes, que nasceram no exterior [*foreign-born children*] e depois migraram para os EUA) e *children of immigrants* (filhos de imigrantes, que tanto são aqueles que nasceram nos EUA [*U.S. -born children*] quanto aqueles filhos que para lá migraram com os seus pais [*foreign-born children*]). Segundo esses autores, ainda que os filhos de imigrantes [*Children of immigrants*] nascidos e não-nascidos nos EUA possam apresentar diferenças em muitos aspectos (como o fato de que os nascidos nos EUA são desde sempre cidadãos norte-americanos e os não-nascidos não são, por exemplo), todos compartilham um denominador comum: seus pais são imigrantes.

Dialogando com essas propostas de Carola e Marcelo Suárez-Orozco, o que se entende aqui como segunda geração de imigrantes são aqueles filhos de imigrantes que – tendo ou não nascido nos EUA – têm vínculos suficientes com este país a ponto de sentirem que sua relação com os Estados Unidos não é uma relação do tipo estrangeira. Ao contrário, seus vínculos [*bonds*] com a sociedade norte-americana são suficientemente fortes a ponto de – tendo nascido ali ou não – sentirem-se membros daquela sociedade e estarem profundamente envolvidos com ela em termos do seu ser, pensar, projetar e agir em relação à sua própria vida e à vida social que o circunda.

Os critérios aqui adotados para definir alguém como um imigrante de segunda geração são, em síntese, os seguintes: (1) ser filho de imigrante. Sendo que esta condição de origem parental incide sobre a construção e definição de sua identidade sociocultural dentro da sua sociedade (que ao mesmo tempo é a sociedade em que ele vive e é o país de acolhimento para onde seus pais migraram); (2) a sua sociedade, do ponto de vista objetivo e factual, é aquela em que ele cresceu, onde ele vive e na qual se deram e se dão seus principais vínculos e experiências sociais (os Estados Unidos); (3) ainda que ele se sinta parte desta sociedade, a sua origem imigrante fará emergir e provocará – em determinados momentos de sua trajetória social e de vida, e em contextos e momentos específicos – percepções e situações que o remetem a um duplo pertencimento: ele é “daqui” (da sociedade a qual de fato ele pertence), mas uma parte dele não é (ele pertence de alguma forma à sociedade de origem de seus pais). E a consequência disto é que ele, em muitos momentos, vê-se “entre” [*in-between*] dois mundos: o dos EUA e o da sua origem étnica.

2.2. O que é ser um imigrante brasileiro de segunda geração?

Ao se abordar a questão do “ser filho de imigrantes” na vida social dos jovens imigrantes brasileiros de segunda geração nos Estados Unidos um ponto a se considerar é que esses jovens são parte da juventude norte-americana e que, portanto, eles vivenciam a realidade social que, *latu sensu*, diz respeito à juventude dessa sociedade como um todo. Mas, ao mesmo tempo, dentro dessa realidade social mais ampla esses jovens vivenciam aspectos que lhes são próprios, específicos. E uma dessas propriedades, especificidades, é justamente o fato de eles serem jovens imigrantes brasileiros de segunda geração nos EUA. Logo, para compreendê-los é necessário tanto levar em conta a realidade social mais ampla vivenciada pela juventude norte-americana contemporânea (da qual eles são parte), quanto identificar e buscar compreender aqueles aspectos de suas vidas que lhes são específicos. Assim, uma dessas especificidades é justamente o fato de eles serem imigrantes brasileiros de segunda geração e, portanto, terem esta identidade étnica.

2.2.1 Juventude norte-americana contemporânea

Quando se busca compreender a realidade social mais ampla da juventude dos Estados Unidos nas últimas décadas, as pesquisas que o *think tank Pew Research Center*⁸ vem desenvolvendo sobre os perfis e características geracionais desta sociedade são muito úteis. Produzindo dados que são referências para o campo dos estudos sobre gerações nos e dos Estados Unidos, as pesquisas do *Pew Research Center* oferecem um retrato bastante amplo e aprofundado das gerações juvenis norte-americanas mais recentes.

Focando em identificar as especificidades das diferentes gerações estadunidenses que se formaram ao longo do século XX e XXI e como isto se configura nos dias de hoje, o *Pew Research Center* utiliza o termo *geração* como um conceito operativo por meio do qual diferentes indivíduos são incorporados dentro de uma mesma categoria geracional (ou seja, em uma mesma geração). Do ponto de vista conceitual e metodológico, uma geração corresponde a uma coorte de indivíduos que, por terem nascido dentro de um intervalo de anos relativamente próximos, vivenciam quase que ao mesmo tempo os diferentes momentos do ciclo de vida (como, por exemplo, a fase da juventude). Para pertencerem a uma mesma geração, também é necessário que essa coorte englobe indivíduos que pertencem à mesma sociedade e que, dada a proximidade etária,

8 Disponível em: <<http://www.pewresearch.org/>> Acesso em: 16 set. 2019.

passam por experiências formativas comuns – como eventos mundiais, mudanças tecnológicas, econômicas e sociais – que, por consequência, exercem influência na moldagem de suas visões de mundo, tornando-as em alguma medida semelhantes (Dimock, 2018).

Uma parte importante das pesquisas do *Pew Research Center* vem focando nas gerações norte-americanas mais recentes. Especificamente aquelas gerações denominadas de *Millennials* e *Pós-Millennials* e que, respectivamente, compreendem aquelas pessoas que nasceram entre 1981 e 1996, e que hoje tem entre 23 e 38 anos (os chamados *Millennials*) e aquelas que nasceram a partir de 1997 (os chamados *Pós-Millennials*).

Levando em conta um dos temas deste artigo – os filhos de imigrantes brasileiros nos EUA –, é interessante observar que, do ponto de vista do recorte etário, as gerações *Millennials* e *Pós-Millennials* abarcam de forma quase que sincrônica a totalidade das segundas gerações de imigrantes brasileiros nos EUA desde seu surgimento até os dias atuais. Para tanto, basta considerar que se a imigração brasileira nos Estados Unidos teve início de forma mais consistente nos anos 80, a presença de uma segunda geração de imigrantes brasileiros nos EUA só pode se dar a partir daquela década. E, se essa segunda geração começa a surgir nos anos 80, pode-se considerar que os imigrantes brasileiros de segunda geração são parte daquelas gerações de jovens que o *Pew Research* e outros institutos e autores de referência denominam de *Millennials* e *Pós-Millennials*. O que, subsequentemente, implica que os imigrantes brasileiros de segunda geração – enquanto *Millennials* e *Pós-Millennials* – vêm enfrentando questões e desafios que também dizem respeito aos outros membros da sociedade norte-americana que são parte dessas duas gerações.

Isto vai implicar, por exemplo, que como qualquer *millennial*, muitos imigrantes brasileiros de segunda geração tiveram de enfrentar o auge da grande recessão econômica iniciada em 2008. Uma recessão que diminuiu de forma significativa as possibilidades de inserção no mercado de trabalho, tanto em termos quantitativos (baixa empregabilidade) quanto qualitativos (por exemplo, menor remuneração). E que também, segundo alguns analistas sociais, contribuiu para um fenômeno muito comum entre os *Millennials*, que é o retardamento da inserção na vida adulta (isto em comparação às gerações anteriores, que antecederam a geração *Millennials*). Ou seja, dentre outros motivos, também em virtude das condições do mercado de trabalho, os *Millennials* têm enfrentado dificuldades em construir uma vida mais autônoma em relação às suas famílias.

Outro exemplo de evento que teve impacto na geração *Millennials* foi o atentado às Torres Gêmeas em 11 de setembro de 2001, cujos desdobramentos dentro

da sociedade norte-americana foram muito profundos, inclusive em relação às percepções acerca dos estrangeiros, dos imigrantes e de certos grupos étnicos e religiosos em particular. Outro fenômeno mais recente que vem impactando na vida dos *Millennials* e *Pós-Millennials* são as mudanças decorrentes das rápidas transformações no campo das tecnologias da informação e do mundo digital, cujos impactos são sentidos em diferentes esferas da vida social.

Outra realidade comum aos *Millennials* (e que será ainda maior entre *Pós-Millennials*) é que eles são a geração que entra na fase adulta sendo aquela com maior diversidade racial e étnica da história do Estados Unidos. Fato este que ajuda a dimensionar o quanto as questões da nova imigração, dos novos imigrantes e das segundas gerações de imigrantes são relevantes para a geração *Millennials* e *Pós-Millennials* e o quanto isto impacta em suas vidas, sejam eles nativos, imigrantes, ou segunda geração. Isso corrobora uma das teses deste artigo, que é a de que dentro da grande e complexa realidade da juventude norte-americana nos dias de hoje os jovens imigrantes de segunda geração ocupam um lugar muito importante.

A expressão “lugar” talvez não seja a mais adequada, pois a realidade vivida pelos imigrantes de segunda geração nos Estados Unidos nos dias de hoje não é algo estático. É uma realidade em movimento; são realidades em movimento. Realidades que exigem que esses imigrantes de segunda geração enfrentem desafios e façam travessias: há o atravessar dos processos de assimilação social e cultural; existem os desafios dos sucessos e insucessos dentro do sistema escolar; existem as formas como são acolhidos em diferentes contextos com base em suas condições de serem filhos de imigrantes; há o quanto é possível ou impossível poder contar com o suporte familiar frente aos desafios que a sociedade lhes apresenta; existem os momentos em que são classificados cultural e socialmente em virtude de sua origem étnica. Há, em suma, uma série de experiências e situações que pode se apresentar na vida de um imigrante de segunda geração que diz respeito aos possíveis lugares que eles ocupam e poderão ocupar na sociedade norte-americana.

Muitas dessas situações colocam os imigrantes de segunda geração defronte a suas condições de filhos de imigrantes e em situações em que a sua identidade étnica de origem é uma parte importante daquilo que está em jogo. Logo, ser jovem nos Estados Unidos de hoje implica tanto viver elementos mais amplos da realidade social que atingem a sua juventude como um todo quanto viver realidades particulares, próprias de determinadas condições específicas de ser jovem nesta sociedade. E uma dessas condições específicas é a de ser um jovem imigrante de segunda geração, ser um jovem imigrante brasileiro de segunda geração.

2.2.2. Identidade e vínculo com a origem étnica brasileira

O imigrante de segunda geração se vê muitas vezes colocado em situações nas quais ele parece fazer parte de dois mundos: o da sua sociedade, na qual ele vive (os Estados Unidos), e o mundo da sua origem étnica parental. Isto ocorre porque, como já dito, ele recebe o *status adscrito* de “ser filho de imigrante”, sendo que receber este *status* é e ter uma identidade que lhe é atribuída, uma identidade étnica que é herdada dos seus pais.

Mas a possibilidade de se sentir como fazendo parte de dois mundos não é algo que pode se restringir apenas ao ter uma identidade atribuída que decorre do *status adscrito* de “ser filho de imigrante”. Ela também pode ser algo que o próprio imigrante de segunda geração toma como seu, parte daquilo que ele é, sendo isto algo que nasce do tipo de vínculo que ele tem com a sua origem étnica parental, da influência e peso desses vínculos parentais em sua vida e do maior ou menor nível de exposição ao universo étnico de origem conforme ela vai crescendo dentro da sociedade norte-americana. Em relação a isto, os casos analisados pela pesquisa que embasa este artigo apontam que quanto mais forte são os vínculos parentais e quanto maior for a exposição ao universo cultural e social brasileiro, maior tende a ser o sentimento de identificação do imigrante de segunda geração com a sua origem étnica brasileira.

Pais imigrantes tendem, portanto, a desempenhar um papel muito importante em relação a como e a quanto um imigrante de segunda geração assume para si a sua origem e identidade étnica e o quanto ele está disposto a se apropriar da herança étnica de seus pais. Disposição esta que não é um ato completamente voluntário, mas uma disposição que também pode vir a ser fomentada, estimulada pelos próprios pais.

Um exemplo do como essa disposição em assumir sua identidade étnica é estimulada pelos pais está presente nos casos em que, quanto mais um filho de imigrante fica exposto e percebe atitudes de sacrifício e altruísmo de seus pais que são feitas para gerar benefícios ao filho, maior tende a ser a possibilidade de que esse filho assuma e possa vir a ter orgulho de sua identidade étnica. Ou seja, quanto mais o filho do imigrante é uma testemunha ocular dos sacrifícios feitos pelos seus pais, e quanto mais ele percebe que é para ele, o filho, que os pais estão fazendo certos sacrifícios, maior é a probabilidade de que isto produza uma profunda relação de fidelidade, solidariedade e desejo de retribuição do filho para com os pais, e, subsequentemente, de que isso produza e estimule nele o desejo de assumir sua origem étnica.

A disposição em assumir sua identidade étnica também pode ser estimulada pelo quanto e como o imigrante de segunda geração foi exposto a contextos sociais

e culturais brasileiros na infância e adolescência. É o caso daqueles imigrantes brasileiros de segunda geração que crescem em lugares onde há uma grande presença de imigrantes brasileiros, uma forte comunidade brasileira. Nesses lugares são maiores as possibilidades de o imigrante de segunda geração ter contato com Igrejas étnicas brasileiras, associações recreativas ou esportivas (como escolinhas de futebol ou capoeira), comércio étnico local (restaurantes, supermercados e cabeleireiros brasileiros, dentro outros serviços), vizinhança brasileira, festividades brasileiras (como as festas juninas). Também são maiores a possibilidade de que sua família, seus pais, construam círculos de amizades e redes de relacionamento social compostos por brasileiros. E que, portanto, o imigrante de segunda geração também construa uma rede de relações sociais interétnica.

O quanto o imigrante brasileiro de segunda geração está vinculado aos seus familiares no Brasil é algo que também influencia na sua disposição em assumir a sua origem étnica. Laços afetivos com os parentes no Brasil – principalmente os de tipo diádicos (avós-netos; tias/tios-sobrinhos/sobrinhas; primo(a)s/primo(a)s) – tendem a influenciar positivamente nos seus sentimentos de pertencimento e de identificação com a sua origem brasileira. E as facilidades que existem hoje para se estabelecer relações transnacionais – dadas as menores dificuldades de deslocamento e comunicação próprias da contemporaneidade (Levitt; Waters, 2002; Levitt, 2009) – jogam a favor da manutenção dos vínculos familiares transnacionais: grupos de WhatsApp da família, férias no Brasil, redes de amigos e familiares se deslocando lá e cá, são muitas as formas de como esses vínculos podem se manter nos dias de hoje.

A sua casa, o seu lar, é um dos lugares que aparecem como um dos mais importantes lócus de fomento da disposição do imigrante de segunda geração em se identificar com sua origem étnica. Para o imigrante brasileiro de segunda geração, a casa pode ser um espaço fundamental para que ele se sinta vinculado a essa sua origem étnica. Crescer cercado por uma vida familiar cotidiana cercada de elementos da cultura brasileira, como objetos, língua (o português), música, padrões e gostos culturais brasileiros tende a produzir um forte vínculo com sua origem.

Aqui é interessante observar que aqueles jovens de segunda geração que falam português como língua de herança tendem a encarar isso como algo relativamente natural, na medida em que isto faz parte do seu cotidiano intrafamiliar desde a infância. Contudo, quando alguns desses jovens se veem em contextos de maior exposição à diversidade cultural e étnica norte-americana – como certos ambientes universitários – é possível observar que eles realizam como que um movimento de “redescoberta” da língua de herança, da língua que eles

“falavam em casa”. Neste caso, a língua passa a ser encarada tanto como um diferencial – saber uma segunda, uma terceira língua que não é tão comum (o português) –, quanto como um relevante demarcador identitário que o auxilia a afirmar e confirmar sua origem étnica brasileira dentro de contextos nos quais a diversidade étnica é vista como positiva.

Conclusão:

Em resumo, o que se buscou ao longo deste artigo foi discutir como a condição de ser filho de um imigrante brasileiro de primeira geração impacta na sua vida como imigrante de segunda geração. Num contexto como o da sociedade estadunidense contemporânea, no qual a questão identitária tem um peso muito grande, vínculos e pertencimentos étnicos e sociais desempenham um papel relevante dentro da vida social. Pode vir a ser uma desvantagem dentro de uma sociedade como esta, que é muito competitiva, estratificada e atravessada por diferenças socioeconômicas, educacionais, culturais e em relação ao tipo de capital social capaz de ser mobilizado. Mas também pode ser um *handicap*. O suporte de uma comunidade étnica bem estruturada, o empenho do pai imigrante para que se filho tenha sucesso, o conhecimento e orgulho de sua origem étnica em ambientes sociais que provocam dispersões identitárias pessoais, que dificultam o jovem saber quem ele realmente é e qual o seu lugar no mundo, tudo isso pode ser uma vantagem.

No contexto da sociedade norte-americana contemporânea, principalmente entre aqueles que pertencem às gerações *Millennials* e *Pós-Millennials*, a diversidade étnica é um fato. Ela é objetivamente incontornável. Não há como voltar para trás. Logo, a questão é o que fazer com este fato. Como encará-lo, enfrentá-lo. E, frente a isto, no que tange ao imigrante de segunda geração, o quanto ele é capaz de conhecer da sua origem étnica parental pode ser uma vantagem, assim como desconhecer pode ser uma desvantagem. Se ele traz consigo uma inevitável dupla vinculação (dada sua origem étnica) dentro de um universo sociocultural e étnico relativamente plural (ainda que em muitos aspectos contraditório e conflituoso), a capacidade que ele terá de conhecer e reconhecer isto torna-se uma vantagem, pois, “saber quem eu sou, quem sou eu” é uma das perguntas “de um milhão de dólares” de sociedades contemporâneas como os Estados Unidos. E neste ponto reconhecer-se e conhecer-se como “filho de imigrantes” pode vir a ser um movimento importante para a construção da identidade social e cultural dos jovens imigrantes brasileiros de segunda geração nos Estados Unidos. (Re)Conhecimento que pode auxiliá-lo em suas decisões e escolhas ao longo de sua vida, no seu cotidiano, e permitir que ele realize um movimento que

parece ser o desejo de muitos jovens nos dias de hoje: deslocar-se da questão da identidade (*identity*) para a questão do pertencimento (*belonging*). Pertencer a algo, sentir-se parte de algo.

Referências

- ALBA, Richard; NEE, Victor. Rethinking Assimilation Theory for a New Era of Immigration. *International Migration Review (Special Issue: Immigrant Adaptation and Native-Born Responses in the Making of Americans)*, v. 31, n. 4, 1997, pp. 826-874.
- ASSIS, Gláucia de Oliveira. *Estar Aqui, Estar Lá ... uma cartografia da vida entre o Brasil e os Estados Unidos*. Campinas: Núcleo de Estudos de População/UNICAMP, jun., 2002 (170).
- ASSIS, G. O.; MERIZ, Gisele; IHÁ, Natália Cristina. A escolarização de emigrantes brasileiros rumo aos Estados Unidos: problemas e perspectivas. *Percursos* (UDESC), v. 7, 2006, pp. 1-21.
- CAMPBELL, Joseph. *O Herói de Mil Faces*. São Paulo, Editora Pensamento, 1989 (416).
- DIMOCK, Michael. Defining generations: Where Millennials end and post-Millennials begin. *Pew Research*, 2018. Disponível em: <<http://www.pewresearch.org/fact-tank/2018/03/01/defining-generations-where-millennials-end-and-post-millennials-begin/>>. Acesso em: 16 set. 2019.
- FAZITO, Dimitri. Análise de Redes Sociais e Migração: Dois aspectos fundamentais do “retorno”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 25, n. 72, fevereiro 2010, pp. 89-100.
- FLEISCHER, Soraya Resende. *Passando a América a Limpo: o trabalho de housecleaners brasileiras em Boston, Massachusetts*. São Paulo, Ed. Annablume, 2002 (272).
- LEVITT, Peggy; WATERS Mary C. (eds). *The Changing Face of Home: the Transnational Lives of the Second Generation*. New York, Russell Sage Foundation, 2002 (407).
- LEVITT, Peggy. Roots and Routes: Understanding the Lives of the Second Generation Transnationally. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, v. 35, n. 7, 2009, pp. 1225-1242.
- MACHADO, Igor José de Renó (Org.). *Valadares em família: experiências etnográficas e deslocamentos*. Brasília, ABA, 2014 (258).
- MARGOLIS, Maxine. *Little Brazil: An Ethnography of Brazilian Immigrants in New York City*. Princeton, Princeton University Press, 1994 (329).
- MARGOLIS, Maxine L. *Goodbye, Brazil: emigrantes brasileiros no mundo*. São Paulo, Contexto, 2013 (358).
- MARTES, Ana Cristina Braga. *Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre imigrantes em Massachusetts*. São Paulo, Ed. Paz e Terra, 1999 (204).
- . *New Immigrants, New Land: A Study of Brazilians in Massachusetts*. Gainesville (FL), University Press of Florida, 2011, (303).

- PADILLA, Beatriz; ORTIZ, Alejandra. Construção das identidades de jovens de origem imigrante em Europa: resultados dum projeto europeu. *REMHU - Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*. Brasília, v. 22, n. 42, junho 2014, pp. 133-158.
- PORTES, Alejandro; HALLER, William; FERNANDEZ-KELLY, Patricia. Filhos de imigrantes nos Estados Unidos. *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 20, n. 1, 2008, pp. 13-50.
- PORTES, Alejandro; RUMBAUT, Rubén B. *Immigrant America: a Portrait*. Oakland (CA), University of California Press, 2014 (496).
- PORTES, Alejandro; RUMBAUT, Ruben G. *Legacies: The Story of the Immigrant Second Generation*. University of California Press/Russell Sage Foundation, 1. ed., 2001 (406).
- RESENDE, Rosana. Tropical Brazucas: Brazilians in South Florida and the imaginary of national identity. 2009. Thesis (Doctorate in Anthropology) – University of Florida, Gainesville, EUA, 2009 (192).
- RUMBAUT, Rubén G; PORTES, Alejandro. *Ethnicities: Children of Immigrants in America*. University of California Press/Russell Sage Foundation, 1. ed., 2001 (334).
- SALES, Teresa. *Brasileiros Longe De Casa*. São Paulo, Cortez Editora, 1999 (240).
- SALES, Teresa; LOUREIRO, Marcia. Imigrantes brasileiros adolescentes e de segunda geração em Massachusetts, EUA. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, Campinas, v. 21, n. 2, jul./dez. 2004, pp. 217-239.
- SAYAD, Abdelmalek. *Imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo, Edusp, 1998, (299).
- SUÁREZ-OROZCO, Carola; SUÁREZ-OROZCO, Marcelo. *Children of Immigration (The Developing Child)*. 1. ed. Harvard University Press, 2001 (224).
- SUÁREZ-OROZCO, Marcelo; SUÁREZ-OROZCO, Carola; QIN-HILLARD, Desirée. *Interdisciplinary Perspectives on the New Immigration*. New York, NY, Routledge, 2001 (350).
- TRIEU, Monica M. *The ‘isolated ethnics’ and ‘everyday ethnics’: region, identity, and the second-generation Midwest Asian American experience*. *National Identities*, v. 20, 1996, pp. 1-21. Doi: 10.1080/14608944.2016.1211998.

Recebido em: 16/04/2019

Aprovado em: 25/11/2019

Como citar este artigo:

BRAGA, Antônio Braga. O “Ser Filho de Imigrante” na Vida Social dos Jovens Imigrantes Brasileiros de Segunda Geração nos Estados Unidos. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 9, n. 2, maio - agosto 2019, pp. 379-399.